



● A tragédia no RS ● Desabrigados

Refugiados climáticos dormem em carros e ruas em Porto Alegre

— Moradores ocupam áreas secas em viadutos perto de casas alagadas; quem consegue, deixa a cidade

JAQUELINE SORDI
ESPECIAL PARA O ESTADO

O porto-alegrense Edson Ramires, de 51 anos, está a poucos metros de sua casa, mas é um refugiado. Desde sexta, quando os temporais submergiram o bairro onde mora, na zona norte da capital gaúcha, ele divide com outras quatro pessoas o banco traseiro da sua caminhonete, parada sobre o único viaduto da região que tem um pedaço de asfalto seco.

De lá, vê parte do telhado sob o qual viveu nos últimos 20 anos. O resto está embaixo d'água. Edson se recusa a sair dali, apesar da oferta de abrigos espalhados pela cidade. Tem os saques, que ficaram frequentes após boa parte da população ter deixado suas casas pelo risco de alagamento. “Por aqui, cada um dorme um pedaço da noite, algumas horas, já que não cabe todo o mundo deitado junto. No meu carro estão duas vizinhas, as irmãs Deise e Scarlet, além dos filhos da Deise, uma menina de 16 anos e um menino de um ano e meio. Quando chega minha vez de dormir, nem consigo fechar os olhos. Fico pensando em tudo que foi perdido. Nem sei direito se estou feliz por estar vivo ou triste por tudo o que está acontecendo”, conta o motorista, enquanto percorre de barco um trajeto de 20 minutos até chegar ao ponto de desembarque.

Hoje, esse é o único jeito de se deslocar na região. Todo dia, ao nascer do sol, ele aguarda as embarcações de resgate, pilotadas por voluntários, e pega carona até regiões secas da cidade para buscar mantimentos.

No caminho, desafiado pela correnteza que carrega corpos de animais, toneladas de lixo e pedaços de móveis e eletrodomésticos, ele identifica as ruas do seu bairro, Humaitá, pelos letreiros e placas afixados nas partes mais altas dos estabelecimentos comerciais.

Quando identifica que está próximo de sua casa, diz não saber se desvia o rosto para evitar enxergar de perto a tragé-

dia ou se fixa o olhar em busca de algum ponto de esperança.

Assim como Edson, milhares de gaúchos, desorientados, formam um contingente de “refugiados climáticos”, que não sabem para onde ir quando dormir nem o que sentir. O termo, cunhado nos anos 1980 para se referir a pessoas que tiveram que migrar, temporária ou permanentemente, por causa de uma perturbação ambiental acentuada, originalmente se referia a populações forçadas a deixar seus países de origem em movimentos migratórios complexos. Mas com a recente alta de eventos climáticos extremos, é usado para designar os deslocados dentro das próprias nações e, cada vez mais, nos limites das cidades onde moram.

Buscas interrompidas
Novas chuvas fizeram com que prefeitura pedisse a voluntários para parar as buscas ontem à tarde

PERTO DE CASA. Em Porto Alegre, são milhares de refugiados a poucas quadras de casa. Sobre o mesmo viaduto em que Edson deixou sua caminhonete estão outras dezenas de carros e centenas de pessoas que têm passado dias e noites observando, a alguns metros, o pouco de suas moradias que não foi engolido pelas águas turvas do Guaíba.

“Estamos aqui, sem saber o que fazer, para onde ir. Meu filho Noah tem apenas 1 ano e meio e está há dias sem tomar banho. A gente tenta dormir nos carros, mas não consegue”, conta Deise Silva, de 33 anos, que divide com a família o espaço no veículo de Edson.

A sequência de tempestades no Rio Grande do Sul deixou 100 mortos e 128 desaparecidos, na maior tragédia climática da história do Estado. Segundo a Defesa Civil, até ontem, havia no Estado mais de 48 mil pessoas em abrigos temporários, instalados em alojamentos do poder público, além de 155.741 desalojados.

Ontem, novos temporais em Porto Alegre levaram a prefeitura a pedir que voluntários interrompessem os trabalhos de resgate entre as 13h e 18h.

Na cidade, também houve ontem troca no comando da Secretaria de Desenvolvimento Social. O então secretário de Desenvolvimento Social Léo Voigt pediu para deixar o cargo. A pasta, que tem como atribuição garantir direitos básicos ao cidadão em risco ou vulnerabilidade social, será assumida interinamente pelo secretário adjunto Jorge Brasil.

ÊXODO. Ilhados, com falta de luz, pouca água e desabastecimento nos mercados, moradores da Grande Porto Alegre têm partido em massa para os raros municípios que foram pouco afetados pela chuva. O êxodo ocorre principalmente desde o domingo, quando o prefeito da capital gaúcha, Sebastião Melo (MDB), recomendou a migração temporária daqueles que têm casas na praia.

Entre os que deixaram a Grande Porto Alegre, há relatos de pessoas que saíram quase repentinamente, ao perceber o avanço das águas perto de casa, assim como daqueles que precisam de carona diante da inundação da única rodoviária da cidade. Uma família contou ao *Estado* que decidiu o destino só após sair de casa, quando parou num estacionamento em uma área seca.

DOAÇÕES. Ontem, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), disse que o dinheiro arrecadado por meio da chave Pix divulgada pelo governo gaúcho pertence a uma entidade privada que é vinculada a Associação dos Bancos do Estado (Banrisul). Antes, Leite já havia alertado para golpes do Pix em doações ao Estado. “Existem outras campanhas que a gente respeita. Mas se quer fazer a doação para o PIX SOS Rio Grande do Sul, que eu apresentei, vai aparecer este nome”, afirmou. ●

COLABORARAM PRISCILA MENEGUE E RENATA OKUMURA



Em mapas, como cheia afetaria outras cidades

Mapas elaborados pelo escritório de urbanismo Versa sobrepueram a mancha da área afetada pelas enchentes na região metropolitana de Porto Alegre sobre o mapa de diversas capitais brasileiras e cidades de fora do País. A ideia é mostrar aos moradores de outros Estados a dimensão da catástrofe no território gaúcho.

Mariana Mincarone, arquiteta e urbanista que criou os mapas, conta que a

ideia veio ao ver que um escritório de urbanismo de Curitiba, o Urbi Ideias, fez o comparativo para a capital paranaense. Já a mancha das áreas inundadas foi produzida pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

“Sou de Porto Alegre, mas não estou agora no Rio Grande do Sul, e comecei a perceber como vindo de fora quem não conhece talvez não entenda a dimensão do que está pas-